

## 1. Apresentação

Vanessa Massoni da Rocha

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ROCHA, V. M. Apresentação. In: *Tradução em (ent)revista*: Simone Schwarz-Bart e as tradutoras brasileiras [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2021, pp. 15-19. Letras UERJ collection. ISBN: 978-65-991111-5-0.

<https://doi.org/10.7476/9786599111150.0001>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# 1.

## Apresentação

*Tradução em (ent)revista: Simone Schwarz-Bart e as tradutoras brasileiras* aproxima a tradição dos Estudos francófonos no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, notadamente da literatura caribenha de expressão francesa, aos estudos sobre a prática da tradução. Por um lado, integra-se aos projetos de pesquisa “A memória (pós) colonial das Antilhas francesas: imaginários, representações e devires” e “Narrativas do avesso e avesso da História: vozes da (pós) colonialidade nas Antilhas francesas e no Brasil”, que privilegiam as produções literárias da ilha da Martinica e do arquipélago de Guadalupe, ilhas caribenhas que vivenciaram a colonização francesa de 1635 até a departamentalização de 1946.

Por outro lado, parte-se da constatação do discreto número de obras literárias antilhanas traduzidas para o português em busca de se delinear um retrato da prática de tradução no Brasil. O final dos anos de 1980 conheceu a tradução de dois romances da escritora guadalupense Simone Schwarz-Bart: *Pluie et vent sur Têlumée Miracle* (1972), traduzido por Estela dos Santos Abreu como *A ilha da chuva*

*e do vento* (1986) e *Ti Jean l'horizon* (1979), traduzido por Eurídice Figueiredo como *Joãozinho no Além* (1988).

Assumindo como ponto de partida as festividades em torno do aniversário de trinta anos das traduções, promovemos uma conversa com as tradutoras brasileiras das obras em tela. Trata-se de conferir visibilidade ao trabalho de tradutoras brasileiras que refletem sobre o processo de tradução a partir de testemunhos acerca de prazos, rituais, práticas, dificuldades e repercussões de seus trabalhos. Se, via de regra, os tradutores costumam se limitar ao anonimato no cenário editorial brasileiro, desejamos que eles assumam o protagonismo de seus papéis de “semeadores”, como tão poeticamente define Simone Schwarz-Bart. Buscamos iluminar os bastidores e os processos obscuros e silenciados que envolvem a tradução de obras caribenhas no Brasil, movimento capaz de metonimizar diversas outras experiências de tradução.

A análise do processo de tradução se constrói, neste espaço, por meio de três entrevistas. A primeira, da autora dos romances, enaltece a relevância do papel desempenhado por tradutores em um movimento que ela considera ser o “transplante” dos livros em novas terras. Com a simplicidade e a modéstia dos grandes escritores, Simone Schwarz-Bart concede sua primeira entrevista ao público brasileiro e comenta o trabalho artístico dos tradutores. Em seguida, duas tradutoras com trajetórias bastante distintas compartilham suas práticas: a tradutora de mais de oitenta e cinco obras Estela dos Santos Abreu e a professora universitária e pesquisadora Eurídice Figueiredo, que não traduziu outras obras literárias.

Com formações acadêmicas, perspectivas, técnicas e rituais de trabalho diferentes, ambas as tradutoras compõem um mosaico bastante rico e plural das atividades de tradução no Brasil. Versam sobre o encontro com o texto literário, sobre as agruras da arte da tradução e sobre a relação tanto com as editoras quanto com os autores das obras. As entrevistas acenam para as dificuldades de tradução de obras

marcadas pela oralidade e descortinam os desafios de se transpor para o português um léxico especialmente complexo. Ao dar relevo para a fauna e a flora de seu arquipélago natal, Schwarz-Bart acaba por colocar várias pedras no caminho de suas tradutoras. Nesse sentido, Estela faz menção à existência de um “paredão”, e Eurídice alude à necessidade de se contornar a pedra para prosseguir o processo de tradução, sob pena de uma paralisia que impediria a continuidade da tarefa. Com reiteradas menções a animais, frutas e plantas inexistentes no Brasil, a tradução dessas obras caribenhas acentua o meticuloso e inventivo processo artístico que se tece nas malhas da tradução.

Para sanar, ou pelo menos minimizar as inúmeras dúvidas que surgiam no corpo a corpo com a tradução, Estela decidiu, por iniciativa própria, entrar em contato com Simone Schwarz-Bart e passar uma temporada em Pointe-à-Pitre, capital de Guadalupe. Da estadia guadalupense, surgem histórias apaixonadas, que engendram amizades para além do diálogo romanesco e favorecem o processo de tradução graças às interfaces entre autor/tradutor. A tradutora menciona, igualmente, as benesses de se traduzir um autor vivo e critica a necessidade de paratextos em obras traduzidas.

Eurídice, por sua vez, discorre sobre a definição de tradução compartilhada com Haroldo de Campos, segundo a qual a arte de tradução pressupõe recriação e atenção para se manter o ritmo da frase e a cadência do texto original. Menciona, ainda, o fato de a tradução se comparar ao transporte e à mestiçagem e questiona a possível linearidade entre a arte da tradução e a experiência amorosa. Ela revisita as lembranças de trinta anos atrás, critica a qualidade dos dicionários de francês-português e rememora a tradução feita à mão em um caderno antes de ser datilografada. É preciso salientar que não havia computadores, tampouco acesso à internet nos anos 1980, o que trouxe desafios que os tradutores contemporâneos podem se furtrar a conhecer.

Estela e Eurídice aceitaram a proposta de tradução das editoras Marco Zero e Francisco Alves, respectivamente, quase na mesma época. Não se conheciam naquele momento e não puderam compartilhar as impressões de suas atividades de tradução. Eurídice debutava na tradução literária, e Estela já tinha dado os primeiros passos na área que a acompanharia por mais de quatro décadas. Enquanto uma se encanta com o que considera ser a “cachaça” da tradução, a outra se desaponta e desiste de conciliar a carreira de professora universitária com a de tradutora. Uma aceita a tradução por conhecer e estudar a literatura antilhana, sobretudo após um estágio de um mês, em 1981, na Martinica. A outra percebe na proposta de tradução a ocasião de desvendar uma produção literária anteriormente desconhecida. Eis os olhares ao mesmo tempo complementares e divergentes que transformam as entrevistas realizadas em um inédito, relevante e rico desvendamento da atividade de tradução no Brasil.

Por fim, *Tradução em (ent)revista: Simone Schwarz-Bart e as tradutoras brasileiras* celebra o encontro de vozes femininas de diferentes gerações: Simone Schwarz-Bart, Estela dos Santos Abreu, Eurídice Figueiredo e Vanessa Massoni da Rocha. E as quatro se dedicam, em seus respectivos espaços de atuação, a compreender, experienciar e estudar engrenagens do processo tradutório, compreendendo-o como experiência plural, transformadora, dialógica e profundamente marcada pela alteridade. No romance caribenho *L'Ancêtre en Solitude*, a personagem Mariotte, ao versar sobre a avó Louise, filha da escravizada Solitude, explicita: “cada uma de suas palavras, cada um de seus olhares, cada uma de suas expressões entra em mim e se instala de maneira definitiva”<sup>1</sup> (Schwarz-Bart, 2015c, p. 176). Nesse sentido, reitera-se a ideia de que as mulheres podem ser verdadeiros palimpsestos de histórias, nomes, lutas e caminhos trilhados. A mulher, assim, nunca estaria só, nunca lutaria apenas com suas armas. Ela personificaria

■  
<sup>1</sup> São de minha autoria as traduções para o português de textos literários, teóricos e entrevistas em francês.

a união, a identidade compósita (Glissant, 1996, p. 59) à maneira de matrioskas que, sendo únicas, carregam junto a si a imagem de tantas outras mulheres que lhe dão conteúdo, lhe preenchem as entranhas, lhe habitam em todas as suas riquezas e complexidades.